

## CAMINHOS DE DUAS MÃOS: TROCAS FILOSÓFICAS ENTRE PITAGORISMO E PLATONISMO

**Gabriele Cornelli\***

Para quem deseja se aproximar à filosofia pitagórica, a questão das fontes constitui um desafio central. Desde a primeira tese historiográfica, a da “expansão da tradição” de Zeller, pela qual a tradição sobre os pitagóricos teria sempre algo novo a dizer, à medida que se distancia, cronologicamente, dos eventos narrados, as fontes desenham-se como o grande problema a ser resolvido no interior da pesquisa.<sup>1</sup>

O tema é polêmico e está atualmente em discussão. Enfrentei de maneira panorâmica este *status quaestionis* em um artigo anterior.<sup>2</sup>

---

\* Professor da UNIMEP/UMESP. Esta pesquisa foi possível graças ao apoio do CNPq, na forma de financiamento ao projeto de pesquisa temático *ARCHAI: A outra história das origens do pensamento ocidental*, do qual o autor deste ensaio é coordenador.

<sup>1</sup> O esboço inicial deste ensaio foi apresentado no *X Encontro Nacional de Filosofia* da ANPOF, no interior do *GT Platão e Platonismo*, em São Paulo, de 29 de setembro a 3 de outubro de 2002.

<sup>2</sup> Cf. E. Zeller. *La filosofia dei greci nel suo sviluppo storico*. Vol. I. Trad. R. Mondolfo. Firenze, La Nuova Italia, 1950, p. 364.

<sup>3</sup> Cf. Gabriele Cornelli. “As fronteiras filosóficas do Pitagorismo: conflito e contradição na historiográfica filosófica sobre o pitagorismo”. In *Boletim do CPA* 13/14, p. 125-142.

*Gabriele Cornelli*

Neste ensaio irei me dedicar a um aspecto específico desta questão: o fato da proliferação do material sobre Pitagorismo ter sido desde sempre relacionada a uma tendência da Academia antiga, provavelmente já comum entre os primeiros discípulos do Platão, de atribuir, ao pitagorismo antigo, teorias que foram desenvolvidas mais propriamente no interior da mesma escola platônica. O resultado disso é o de uma aproximação da filosofia pitagórica àquela platônica antes, e aristotélica depois, e, por conseqüência, o de uma sempre maior dificuldade de distinguir o pitagorismo originário destas últimas.

As mútuas relações entre Platão e a filosofia pitagórica constituem, de fato, um eixo fundamental para a crítica: se a filosofia pitagórica influencia o platonismo, é verdadeiro também o contrário. A influência, neste caso, é recíproca, com conseqüências espinhosas para a historiografia do pitagorismo pré-platônico. Poderíamos, neste sentido, falar de caminhos de duas mãos, portanto.

E, metodologicamente, será preciso pensar, para além do termo “influência”, numa “troca” entre pitagorismo e platonismo. Troca que se define dialogicamente, no sentido que dá ao termo Bakhtin. A dialógica que Bakhtin observa com relação às trocas culturais nas sociedades complexas parece-me uma boa ferramenta historiográfica para compreender “os caminhos de duas mãos” entre pitagorismo e platonismo como um diálogo interno a um mundo cultural (e filosófico, em nosso caso) que compartilhava de questões comuns. A perspectiva de uma “relação dialógica” entre platonismo e pitagorismo permite-me compreender a circularidade dessas relações, entendidas não dialeticamente como um conflito à espera de uma síntese, histórica ou teorética que seja, mas como mundos cognitivos

*Caminhos de duas mãos: trocas filosóficas entre pitagorismo e platonismo*

entrecortados por trocas recíprocas, num estado de permanente conflito: um diálogo “não resolvido”, de idas e vindas, num espaço filosófico comum.<sup>3</sup>

Neste sentido, gostaria de propor aqui um breve exercício destes caminhos de duas mãos. No lugar de me dedicar a textos clássicos desta relação entre Pitagorismo e Platonismo, o *Fédon* e o *Timeu*, ou mesmo ao próprio *Parmênides*, ou ao *Filebo*, prefiro aqui me dedicar a um trecho de *Metafísica A* (6, 987b 27) de Aristóteles. O seu olhar, de certa forma, e relativamente, externo a esta relação, permite, até de forma em parte inesperada, compreender a relevância desta dialética (ou melhor *dialógica*) entre pitagorismo e platonismo para a filosofia platônica.

**O “erro” de Platão: a re-leitura platônica dos números pitagóricos como *archai* segundo *Metafísica A* (6, 987b 27) de Aristóteles**

Aristóteles atribuiu a Platão no passo de *Metafísica A* 6, 987b 27 uma teoria de grande interesse para a compreensão da filosofia platônica e, ao mesmo tempo, de extrema complexidade do ponto de vista da “arqueologia” das doutrinas de Platão. A teoria é a de que, de alguma forma, as próprias Idéias seriam “compostas”, pois derivariam de dois ulteriores princípios, que são: a) o *um*; b) o *grande-pequeno*. A questão historiográfica reside no fato

---

<sup>3</sup> A economia deste ensaio não permite abordar sistematicamente um outro referencial teórico importante para a compreensão desta *circularidade*, que é o da distinção entre *dialética* e *dialogismo* em Bakhtin: ao contrário de uma dialética entre cultura popular e erudita que, hegelianamente, espera em algum lugar sua síntese, com a definição desta relação como *dialógica* Bakhtin compreende nela a existência de planos cognitivos entrecortados por influências recíprocas num estado de permanente conflito: um diálogo irresolvido (cf. M. Bakhtin. *Problemas da poética de Dostoiévski*, pp. 20-24.). O termo circularidade foi retirado livremente do pensamento de Carlo Ginzburg. Cf. para uma discussão sobre a teoria dialógica de Bakhtin e sua relevância para os estudos culturais G. Morson & C. Emerson. *Rethinking Bakhtin: Extensions and Challenges*. Evanston, North Western University Press, 1989.

Gabriele Cornelli

desta doutrina não encontrar nenhuma referência nos *Diálogos*, conforme Reale.<sup>4</sup>

O que emerge claramente, no passo aristotélico, é a indicação de uma dialética de dependência/independência de Platão com relação à tradição pitagórica sobre os *arithmoí*, os números, como *archaí* da realidade. Platão assume os números (aliás o número um – *en*) e a *díade* grande-pequeno como causas (*aitíai* – diz Aristóteles – mas também *archaí*), a primeira formal (*ousía*) e a segunda material (*húle*), da realidade. Aqui Platão estaria evidentemente utilizando os princípios (*archaí*) pitagóricos para fundamentar, do ponto de vista da dialética dos princípios supremos, sua teoria das Idéias.

Deixando de lado, inicialmente, as infinitas discussões de crítica textual, que procuraram definir a relevância e confiabilidade do texto aristotélico, em função de ser um *apax legomena*, na compreensão da relação com as idéias-números, será preciso olhar para a *disputatio* sobre o sentido que deverá ser dado a esta leitura aristotélica dos números (e da *díade*) como princípios-causas da realidade.

Os estudiosos parecem se dividir em três linhas interpretativas: a) Aristóteles nos revelaria um Platão exotérico, o das doutrinas não escritas, das lições na Acadêmica; b) Tratar-se-ia do *último* Platão, o Platão da velhice, conforme pode ser demonstrado, de alguma forma, por referências indiretas às mesmas doutrinas nos últimos diálogos (ex. a derivação da realidade do *limite* e do *ilimite* no *Filebo*); c) Poderia se tratar de um mal-entendimento do Platão e/ou confusão das teorias dele com as dos discípulos.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. Aristóteles. *Metafísica*. Vol. III: Sumário e Comentário de Giovanni Reale, p. 50. Utilizarei nas próximas citações a tradução desta obra por Marcelo Perine.

<sup>5</sup> Giovanni Reale, in Aristóteles. *Metafísica*. Vol. III: Sumário e Comentário de Giovanni Reale, afirma considerar que “a tese historicamente exata só pode ser a primeira”, por considerar a

*Caminhos de duas mãos: trocas filosóficas entre pitagorismo e platonismo*

Eliminando a terceira opção por ser *lectio facillior* demais, as primeiras duas poderiam orientar nossa compreensão desta doutrina no interior da teoria das idéias platônica. Mas o que interessa mais diretamente este ensaio é a indicação aristotélica de uma “certa” leitura que Platão faz da tradição pitagórica. Para isso precisamos voltar alguns capítulos atrás, com a intenção de mostrar aquela que chamamos de uma dialética de dependência/independência de Platão com relação aos pitagóricos, conforme aparece em *Metafísica A*.

Em *Metafísica A* 5 985 27 Aristóteles havia afirmado que, conforme as doutrinas pitagóricas, os números eram considerados (*theoreín*) *semelhantes* (*omoiómata*) às coisas que são:

*Justamente nos números, mais do que no fogo e na terra e na água, eles [os pitagóricos] achavam que viam muitas semelhanças com as coisas que são e que se geram.*

Inesperadamente Aristóteles, em seguida (*Met. A* 6 987b 10-14) afirma que Platão, sobre a relação entre mundo sensível e mundo invisível (formas), não inovaria substancialmente a doutrina pitagórica da imitação (*mímesis*), mas simplesmente estaria usando um nome diferente para a mesma idéia: a da *participação* (*methéxis*) nas formas:

*Então ele chamou estas outras realidades Idéias, afirmando que os sensíveis existem ao lado delas e delas recebem seus nomes. Com efeito, a pluralidade das coisas sensíveis, que têm o mesmo nome das formas, existe por participação nas formas. No que se refere à participação, a única inovação de Platão foi o nome. De fato, os*

---

estrutura bipolar do real em todos os níveis como tese verdadeiramente específica de Platão (Cf. p.52).

Gabriele Cornelli

*pitagóricos dizem que os seres subsistem por “imitação” dos números; Platão, ao invés, diz por “participação”, mudando apenas o nome. De todo modo, tanto uns como o outro, descuidaram igualmente de indicar o que significa “participação” e “imitação” das formas.*

O fato que nos chama atenção é que, ao invés, no passo que estamos analisando, as diferenças entre Platão e pitagóricos são declaradamente evidentes.

Apesar de admitir que Platão se aproxima (*paraplésios*) muito dos pitagóricos com relação às afirmações de que: a) o um é substância (*ousía*) e não diferente daquilo a que se predica; b) os números são causas da substância de todas as outras coisas; é, invés, peculiar a Platão (*tout' idion*) um outro caminho que se expressa em duas diferentes proposições.

Aos olhos “historiográficos” de Aristóteles, estas duas proposições de Platão devem ser consideradas como “erros” – conforme afirma Kahn.<sup>6</sup> A *lectio* platônica da metafísica pitagórica dos números distancia-se, portanto, da tradição pitagórica: a) primeiramente pelo “fato de ter posto no lugar do ilimitado entendido como unidade, uma *diade* e o fato de ter concebido o ilimitado como derivado do grande e do pequeno”; b) em segundo lugar pelo fato de Platão “situar os números (*arithmoí*) fora dos sensíveis (*pará tá aisthetá*), enquanto aqueles [os pitagóricos] sustentam que os números são as próprias coisas (*autá tá prágmata*) e não afirmam que os *matematiká* são intermediários (*metaxú*) entre estes e aqueles.”

Com relação à segunda questão, isto é à concepção dos números como não imanentes, Aristóteles parece compreender números e idéias como algo distinto, no sentido das idéias estarem dialeticamente remissíveis

---

<sup>6</sup> Cf. Charles H. Kahn. *Pythagoras and the Pythagoreans: a Brief History*. Cambridge, Hackett Publ., 2001, p. 63.

*Caminhos de duas mãos: trocas filosóficas entre pitagorismo e platonismo*

e sujeitas aos números como princípios, conforme testemunhos do próprio Teofrasto (*Metafísica*, 6 b 11-14) e Sexto Empírico (*Contra os Matemáticos*, X, 258).<sup>7</sup> Como Aristóteles demonstrará em seguida, o fato de Platão ter introduzido esta questão dos entes que estão “fora do sensível” explica-se das seguintes maneiras: a) os “predecessores não conhecem a dialética (*dialektiké*)”; b) é “conseqüência da investigação fundada nas noções (*lógoi*)”, isto é, distante da busca pré-socrática pelos princípios imanentes. E, neste sentido, o fato de considerar os números não mais como *archai* imanentes, mas como princípios “fora” da realidade, é aceitável, mesmo que – de alguma forma – distante, historiograficamente, das doutrinas pitagóricas.

Mas com relação à primeira questão, isto é, o fato de colocar uma díade no lugar do *en ápeiron*, do *um infinito* pitagórico (com a intenção de derivar dela mais facilmente todos os outros números) além de historiograficamente *distante* – segundo Aristóteles – acaba resultando em uma doutrina “não *eulógos*”, que não funciona do ponto de vista da boa lógica argumentativa: um “erro” de Platão, portanto.

### **A *lectio* de Platão e os números como princípios em Filolau**

Ora, para além da crítica aristotélica às doutrinas platônicas, o que nos interessa é compreender a crítica historiográfica à *lectio* platônica. Dada a absorção dialógica da tradição pitagórica que acontece na Academia e em sua literatura, a crítica de Aristóteles em *Metafísica* A 6, 987b 27 adquire

---

<sup>7</sup> Cf. para as citações Aristóteles. *Metafísica*. Vol. III: Sumário e Comentário de Giovanni Reale, p. 52-53.

*Gabriele Cornelli*

uma relevância historiográfica fundamental para, de alguma forma, tanto compreender a *lectio* platônica da tradição pitagórica, como também resgatar uma possível *lectio* pitagórica original da teoria dos números como *archai* da realidade.

Ainda mais quando os fragmentos, entre os mais antigos, do pitagórico Filolau, parecem confirmar esta informação aristotélica de uma diferenciação de Platão com relação à concepção dos *archai* pitagóricos como números imanentes e infinitos. A obra de Filolau (*Peri Phýseos*), datada na segunda metade do século V, constitui a primeira literatura pitagórica conhecida.<sup>8</sup> De alguma forma, a tradição pitagórica de Filolau corresponde à visão aristotélica sobre o pitagorismo.

Conforme Diógenes Laércio, VF, VIII, 85, de fato:

*A obra Sobre a Natureza iniciava com a seguinte afirmação: a natureza no ordenamento do mundo (kosmoí harmóchtê) resultou do acordo de coisas ilimitadas (ápeira) e limitantes (peiránonta), e assim o inteiro cosmo e todas as coisas que estão nele.*

Aqui Filolau opera quase uma síntese (toda pré-socrática) entre a cosmologia milesiana do ilimitado e a concepção da perfeição do ser no limite de matriz eleata. Mas o conceito de *harmóchtê*, harmonia, já presente tanto em Empédocles (DK fr. 27 e 96) como em Heráclito (DK fr. 51 e 54), acaba assumindo no interior da tradição pitagórica um sentido todo especial,

---

<sup>8</sup> Contemporâneo de Sócrates (Cf. *Fedon*, 61), segundo a tradição Filolau foi o primeiro a quebrar a ordem do segredo sobre a doutrina oral de Pitágoras. Assim comenta Jâmblico, em sua biografia de Pitágoras: *É admirável também o rigor do segredo; de fato, no curso de tantos anos, parece que ninguém encontrou um escrito dos pitagóricos antes de Filolau. Este, por primeiro, encontrando-se em grande e dura pobreza, divulgou aqueles célebres três livros, que se diz terem sido comprados por cem minas por Dion de Siracusa, a pedido de Platão* (Jâmblico. *Vida de Pitágoras* 199).

*Caminhos de duas mãos: trocas filosóficas entre pitagorismo e platonismo*

ligado exatamente à teoria dos números. Assim, no fr. 2, Filolau, fornece uma argumentação lógica à tese expressa de que o mundo deve resultar de ambos as *archai*: a limitada e a ilimitada, pelo fato do mesmo mundo conter exemplos de ambos.

*Da Filolau, sobre o ordenamento do mundo: necessariamente devem as coisas que são serem todas ou limitadas ou limitantes, ou limitadas ou limitantes ao mesmo tempo; limitantes somente, porém, ou somente ilimitadas não poderiam ser; dado que mostram evidentemente serem as coisas nem todas limitantes nem todas limitadas, é claro portanto que, do acordo (sunharmochthê) de limitantes e ilimitados, tanto o ordenamento do mundo, como as coisas nele, resultaram.<sup>9</sup>*

Aparece claramente confirmado o passo em análise de Aristóteles, no que diz respeito a sua crítica com relação ao fato de Platão ter “posto no lugar do ilimitado entendido como unidade, uma *díade* e o fato de ter concebido o ilimitado como derivado do grande e do pequeno”. Isto é, para tradição pitagórica limitante e ilimitado são as *archai* do mundo, e não, conforme Platão, pode ser “derivados” da *díade* grande-pequeno.

Com relação ao segundo “erro”, ou da não-imanência dos números, o fr. 4, parece indicar ao mesmo tempo uma concepção metafísica e epistemológica dos números em Filolau:

*E, de verdade, todas as coisas que são conhecidas têm números (arithmôn échonti). Pois desta forma não é possível que alguma coisa*

---

<sup>9</sup> Da *Stobeu*, DK fr. 2. Para os fragmentos de Filolau cf. a VI edição de Diels-Kranz. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin, Weidman, 1951-52. A tradução para o português é minha.

Gabriele Cornelli

*seja compreendida ou conhecida (noêthêmen oúte gnósthêmen) sem este.*

Conforme Huffman, atualmente o maior estudioso de Filolau, a expressão “têm números” deve ser compreendida, no rastro da compreensão grega dos *arithmoí* como pluralidade ordenada, no sentido de que a realidade é *constituída* por uma pluralidade ordenada.<sup>10</sup> Como para Burkert, pelo qual: “todas as coisas têm números’ significa, na prática, ‘todas as coisas são, basicamente, número’”.<sup>11</sup> Novamente, desta forma podemos confirmar a afirmação de Aristóteles de que, para os pitagóricos, os números são as próprias coisas (*autá tá prágmata*), e não intermediários (*metaxú*), conforme Platão.

Assim, este breve estudo de *Metafísica* A 6, 987b 27, pode revelar uma dialética de dependência/independência (ou melhor, uma *dialógica*) da teoria dos princípios de Platão com relação à teoria dos números pitagórica. Este diálogo de Platão, desenhado por Aristóteles em seus detalhes, parece confirmado nos fragmentos mais antigos da tradição pitagórica, em Filolau.

Desta forma, o passo de *Metafísica* A 6 emerge assim como um dos *lugares* que nos permitem, do ponto de vista estritamente historiográfico, nos aproximar da *lectio* mais originária da teoria pitagórica dos números como *archaí* da realidade; e, ao mesmo tempo, mais teoréticamente, por assim dizer, compreender o diálogo entre platonismo e pitagorismo que encontramos normalmente nos *Diálogos*, aqueles com a “D” maiúscula, de

---

<sup>10</sup> Cf. Carl Huffman. *Philolaus of Cróton: Pythagorean and Presocratic. A Commentary on the Fragments and Testimonia with Interpretative Essays*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1993, p. 174.

<sup>11</sup> Cf. Burkert. *Lore and science in ancient Pythagoreanism*. Cambridge, Cambridge Univ. Press., 1972, p. 266-7.

*Caminhos de duas mãos: trocas filosóficas entre pitagorismo e platonismo*

Platão, como uma dinâmica de trocas recíprocas: um diálogo irresolvido, de idas e vindas, num espaço filosófico comum.

Não de influências ou de “erros” são trilhados, portanto, os caminhos de encontro entre pitagorismo e platonismo, mas de trocas: trocas filosóficas. Em suma, da paciente e extraordinária arte do diálogo que até hoje chamamos de filosofia.

**BIBLIOGRAFIA**

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 3 vols. Introdução, tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo, Loyola, 2001.
- BURKERT, Walter. *Lore and science in ancient Pythagoreanism*. Cambridge, Cambridge Univ. Press., 1972.
- CAMBIANO, Giuseppe. “Figura e número”. In VEGETTI, Mario. *Introduzione alle cultura antiche II: Il sapere degli antichi*. Torino, Bollati Boringhieri, 1992, p. 83-108.
- CENTRONE, Bruno. *Introduzione a I Pitagorici*. Milano, Laterza, 1996, pp. 67-77.
- \_\_\_\_\_. “The Theory of Principles in the Pseudopythagorica”. In BOUDOURIS, Konstantine (org.). *Pythagorean Philosophy*. Athens, Internacional Center for Greek Philosophy and Culture, 1992.
- DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 voll. Berlin, Weidman, 1951-52.
- DIAGENES LAERTIUS. *Life of Eminent Philosophers*. Vol. II. Translated by R.D. Hicks. LCL 185. Cambridge/London. Harvard Univ. Press, 1925 (ed. 2000).

*Gabriele Cornelli*

- GIAMBILICO. *La vita pitagorica*. A cura di L. Monteneri. Roma/Bari, Laterza, 1994.
- HUFFMAN, Carl. *Philolaus of Cróton: Pythagorean and Presocratic. A Commentary on the Fragments and Testimonia with Interpretative Essays*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1993.
- KAHN, Charles H. *Pythagoras and the Pythagoreans: a Brief History*. Cambridge, Hackett Publ., 2001.
- O'MEARA, D. J. *Pythagoras Revived: Mathematics and Philosophy in Late Antiquity*. Oxford, Oxford University Press, 1989.
- ROBINSON, Thomas M. "Pythagoreans and Plato". In BOUDOURIS, Konstantine (org.). *Pythagorean Philosophy*. Athens, Internacional Center for Greek Philosophy and Culture, 1992.
- ZHMUD, L. J. "All is number: basic doctrine of Pythagoreanism reconsidered". In *Phronesis* 34 (1989) 270-292.
- \_\_\_\_\_. "Mathematici and Acusmatici in the Pythagorean School". In BOUDOURIS, Konstantine (org.). *Pythagorean Philosophy*. Athens, Internacional Center for Greek Philosophy and Culture, 1992.